

# OS SABERES SOBRE AS SERPENTES INFLUENCIAM NA PREVENÇÃO DOS ACIDENTES OFÍDICOS

KNOWLEDGE ABOUT SNAKES INFLUENCE THE PREVENTION OF SNAKEBITES  
EL CONOCIMIENTO SOBRE LAS SERPIENTES INFLUYE EN LA PREVENCIÓN DE LAS MORDEDURAS DE SERPIENTE

## Patrícia Siqueira de Melo Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente,  
Universidade Federal do Tocantins (UFT/Brasil).  
[ptcsiqueira@gmail.com](mailto:ptcsiqueira@gmail.com)

 0000-0002-7155-3863

## Hemilly Cirqueira Martins

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente,  
Universidade Federal do Tocantins (UFT/Brasil).

 0000-0001-7874-2774

## Lucas Barbosa e Souza

Programa de Pós-Graduação em Geografia,  
Universidade Federal do Tocantins (UFT/Brasil).  
[lbsgeo@uft.edu.br](mailto:lbsgeo@uft.edu.br)

 0000-0001-7957-088X

## Carla Simone Seibert

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente,  
Universidade Federal do Tocantins (UFT/Brasil).  
[seibertcs@uft.edu.br](mailto:seibertcs@uft.edu.br)

 0000-0002-3988-7767

Recebido em: 01/04/2024

Aceito em: 01/09/2024

Publicado em: 30/11/2024

## RESUMO:

As serpentes causam medo e repugnância em grande parte da população em vista a vários fatores, dentre eles, crenças, mitos, lendas, mas principalmente aos relacionados a acidentes com serpentes peçonhentas que desencadeiam sintomas graves contribuindo para o extermínio desses animais. Portanto, o objetivo deste estudo foi verificar se os saberes da população rural influenciam na prevenção dos acidentes ofídicos. A pesquisa foi qualitativa do tipo semiestruturada, realizada a partir de um roteiro para a condução das interlocuções, que foram gravadas, transcritas e efetuadas a análise das falas. As entrevistas foram realizadas com moradores da zona rural do município de Porto Nacional – TO. A análise permitiu compreender os saberes dos moradores a respeito das serpentes e que esses conhecimentos contribuem para a diminuição desses acidentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnoherpetologia; Serpentes; Saberes; Zona rural; Tocantins.

## Introdução

Os saberes dos moradores do campo adquiridos por suas vivências em meio a natureza contribuem no processo de compreensão da dinâmica dos organismos à sua volta, o que permite que acumulem amplo conhecimento sobre os fenômenos naturais, desde seus aspectos mais simples até mesmo os mais complexos (Posey, 1992; Toledo & Barrera-Bassols, 2009; Vasconcelos-Neto *et al.*, 2018).

Esses saberes são assuntos de investigação da nanociência, que tem como principal objetivo entender como o mundo é percebido, conhecido e significado por diversas culturas humanas (Begossi, 1993). Mais especificamente têm a pesquisa etnoherpetológica, que se refere aos estudos das relações dos seres humanos com os répteis e anfíbios (Santos *et al.*, 2012; Portillo, 2012).

Nesse contexto, esse trabalho foi construído a partir da colaboração de alguns sujeitos, que evidenciaram sua própria perspectiva em relação ao tema da

investigação, com base em suas experiências e conhecimentos, conforme será detalhado adiante.

Para iniciar essa reflexão sobre os saberes que moradores da zona rural possuem sobre as serpentes é importante destacar algumas informações sobre o grupo dos répteis. Sabe-se que no momento são reconhecidas mais de 11.690 espécies de répteis no mundo e dentro desse grupo são catalogadas em torno de 3.619 espécies de serpentes (Uetz, 2000; Uetz *et al.*, 2020). Importante ressaltar a grandeza da biodiversidade presente nos biomas brasileiros, classificados na terceira posição por conterem uma das maiores riquezas da classe Reptilia no mundo, estes apresentam 848 espécies com pelo menos um registro confirmado dentro dos limites territoriais do país, sendo 426 destes representantes do grupo das serpentes (Guedes *et al.*, 2023).

Para o Cerrado, considerando a biodiversidade deste Bioma, atualmente existem cerca de 200 espécies de serpentes catalogadas e suas características geomorfológicas e climáticas criam ambientes propícios e fundamentais para a proliferação da fauna de serpentes típicas do Cerrado (Parr *et al.*, 2014; Pellegrini *et al.*, 2016; Abreu *et al.*, 2017; Lima *et al.*, 2018; Munhoz, 2022).

Dessa forma, são comuns os encontros dos seres humanos com as serpentes, principalmente na zona rural, gerando um convívio maior com esses animais na realização das atividades de campo. Assim, os moradores de localidades rurais vão adquirindo conhecimentos ao longo dos anos sobre o ambiente onde estão inseridos, fazendo uso da natureza, percebendo os recursos, paisagens e ecossistemas dos quais dependem, aprendendo a lidar com os organismos presentes ao seu redor, nomeando, classificando e ordenando de acordo com categorias próprias (Diegues, 2000; Alves *et al.*, 2009; Toledo & Barrera-Bassols, 2009; Pinto, 2019).

Sob essa perspectiva, ressalta-se a importância das pessoas do campo entenderem os fatores, comportamentos e características envolvidos no ambiente ao seu redor para que possam elaborar estratégias de manejo dos recursos naturais disponíveis, e aqui mais especificamente, estratégias de convivência com as serpentes (Martins *et al.*, 2002; Vasconcelos-Neto *et al.*, 2018). Esses conhecimentos integram, de modo geral, a cultura na variedade dos meios rurais, apresentando raízes ancestrais e sendo transmitidos pela tradição oral ao longo de gerações (Diegues, 2001; Drews, 2002).

Porto Nacional é um município da região central do estado do Tocantins e está localizada a 63 km ao sul da capital do estado (Palmas), com acesso pela BR 010 (Figura 01). Possui uma área territorial de 4.434,680 km<sup>2</sup> e população estimada de

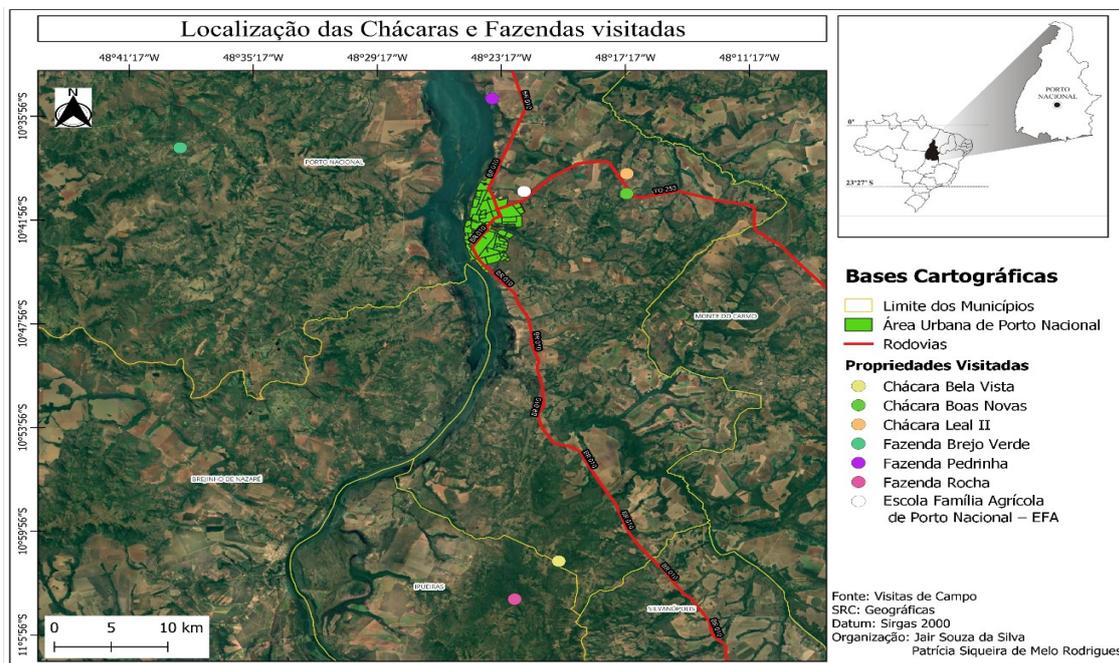
71.101 habitantes (IBGE, 2022). O clima é tipicamente tropical, com duas estações bem definidas, chuvosa e de estiagem, sendo os meses mais chuvosos janeiro, fevereiro e março e o menos chuvoso o mês de agosto. A temperatura média anual é de 26,1°C (Balduino, 2019).

O município está situado sobre um sítio natural que apresenta uma cobertura Cenozoica que se estende ao longo das duas margens do rio Tocantins. Na área rural são verificados ambientes complexos Metamórficos do Arqueano e Proterozoico Inferior, faixas de dobramentos do Proterozoico Médio e Superior da Bacia Sedimentar do Parnaíba (Oliveira, 2009).

A vegetação presente no território é o Cerrado, com predominância de vegetação xeromorfa aberta, dominada por estrato herbáceo. Apresenta algumas faixas de Savana arbórea sem floresta de Galeria, no Leste, Sudeste e Sul e Savana Parque na metade Oeste do município, mais concentrada na porção da Serra da Cordilheira (Oliveira, 2009). Possui uma área antrópica de 2.165,37 km<sup>2</sup>, o que representa 48,66 % da sua área total e apresenta 130,978 km<sup>2</sup> de desflorestamento entre os anos de 2016 a 2021 (DPAT, 2020) que deram lugar a áreas de plantio agrícola e pastagens cultivadas, em virtude da expansão do agronegócio no município (Balduino, 2019). Isso certamente reduz ou perturba os habitats naturais das serpentes, ampliando os riscos de contatos com as pessoas (Alcântara *et al.*, 2018).

Diante disso, para entrar em contato com os saberes dos moradores da zona rural a respeito das serpentes, foram realizadas 9 entrevistas, entre os meses de novembro de 2021 a setembro de 2022, em propriedades localizadas nas porções Leste, Oeste, Norte e Sul do município de Porto Nacional – TO e em seus arredores imediatos (Figura 01).

**Figura 1** - Mapa com localização das chácaras e fazendas visitadas para a realização das entrevistas e escola Família Agrícola de Porto Nacional



Fonte: Jair Souza da Silva.

A escolha do primeiro participante se deu por meio da visita à Escola Família Agrícola de Porto Nacional (EFAPN), localizada a 7 km a leste do município, pela rodovia TO-255 (Figura 01). Foi realizado contato com a direção da escola para obter autorização para acesso às informações necessárias de um aluno, indicado pela equipe escolar, cuja família pudesse colaborar com a pesquisa e que residisse na zona rural do município. O primeiro contato foi realizado por telefone, para obtenção de autorização para a visita presencial e entrevista com o responsável.

A metodologia empregada teve início com a técnica de amostragem não-probabilística “Bola de Neve” (snowball) (García-Lopez *et al.*, 2017), a partir do primeiro sujeito entrevistado. Para condução das entrevistas, seguiu-se pela abordagem qualitativa do tipo semiestruturada, realizadas a partir de um roteiro para a condução das interlocuções que foram gravadas e tiveram uma duração média de 60 minutos. Ao estar em contato presencial com o participante, foi explicado sobre os objetivos da pesquisa e, após o aceite, este foi solicitado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas de forma individual e na própria casa do participante.

Ao final de cada coleta, foram recolhidas indicações de outros possíveis moradores, porém buscando alcançar uma distribuição espacial representativa do município. Em função da amplitude dos limites municipais, tais indicações quase

sempre levaram à necessidade de novas incursões de campo, com vistas à localização e contato com outros possíveis moradores, motivo pelo qual as coletas, apesar do número reduzido, levaram vários meses para que fossem concluídas. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - CAAE - 45151221.6.0000.5519.

As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um gravador Sony ICD-SX712 Digital Voice Recorder, pela ferramenta online de transcrição Web Captioner (<http://webcaptioner.online/>) e, para detalhar com precisão, foi realizada a escuta dos áudios para correção da conversão realizada pela ferramenta. Ao longo desse exercício de escuta, foi possível se aproximar gradativamente do conteúdo e, com isso, realizar os primeiros passos no sentido de uma interpretação, identificação de repetições e dos aspectos mais importantes de cada diálogo.

Na sequência, foi realizada análise das transcrições, observando os temas em comum nas falas, que posteriormente foram categorizados e agrupados por padrão de semelhança, observando a ordem dos tópicos no roteiro da entrevista.

Para direcionamento das entrevistas, iniciaram-se as interlocuções perguntando aos moradores se conheciam algumas serpentes que habitavam a região e foi solicitado que discorressem sobre momentos em que estiveram em contato com esses animais durante as atividades diárias. Todos confirmaram a presença de variadas espécies em suas propriedades, listando nomes (populares) de serpentes e descrevendo-as, por vezes, com detalhes. Dessa forma, os moradores trouxeram informações sobre espécies presentes na região, características de classificação em peçonhentas ou não peçonhentas, tipo de habitat, época que aparecem com maior frequência, preferências de alimentação, formas de prevenção de acidentes, atitudes tomadas na presença do animal, conhecimento de plantas medicinais que utilizam em caso de acidente e formas de uso, de acordo com suas vivências cotidianas, costumes, saberes e crenças.

Foram destacados sete grupos de assuntos abordados durante as entrevistas: 1 - conhecimento sobre a variedade de serpentes locais; 2 – saber sobre hábitos e alimentação; 3 – saber sobre o habitat, esconderijos e épocas que mais aparecem; 4 – identificação de animais peçonhentos ou não peçonhentos; 5 – experiências na prevenção de acidentes com esses animais; 6 – atitudes quando encontram uma serpente e 7 – conhecimento de plantas medicinais utilizadas em caso de acidente ofídico, partes utilizadas, quantidade de uso e preparo.

## Conhecimento sobre a variedade de serpentes locais

Ao perguntar aos moradores quais animais já haviam visto em suas propriedades, nos locais de trabalho no campo, ou mesmo no entorno da área das residências, pôde-se observar que estes convivem com várias espécies de serpentes. O conhecimento sobre a variedade de serpentes locais está evidenciado nas falas a seguir:

*“É a jararaca, é a papa pinto [...], tem uma verdinha que o povo chama de cipó e tem de uma cinzenta, tem jararaca daquela achatadeira, e tem a cascavel, tem vários tipos de cobra que a gente encontra. Porque aquela, [...] como é que chama? [...] coral, ela tem de vários tipos né, de várias cores. Tem umas pretas com vermelho, já tem umas branca com preta e vermelho [...], e tem a brabona que chama cascavel né, a que tem o chocalho” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

*“É, aqui tem vários tipos de cobra né [...]. Aqui a mais venenosa que nós temos é a cascavel né, e a malha. A gente sempre depara com elas por aí [...], já vi umas grandes por aí” DLS/Chácara Bela Vista.*

Ressalta-se aqui, que os moradores se referem aos animais como “cobra”, sendo esse nome difundido popularmente e designado para as espécies de serpentes no Brasil. Esse termo chegou ao país pelos portugueses, que o empregam para espécies de najas africanas e asiáticas, porém tornou-se habitual no Brasil (Freitas, 2003; Oliveira *et al.*, 2022).

Os moradores elencam várias serpentes, trazendo seus nomes populares, informações sobre cores e dando ênfase às que consideram venenosas, como a cascavel (*Crotalus durissus*) e a malha, também designada às vezes de jararaca. A serpente a qual identificam como “malha” pertence ao gênero *Bothrops* e na região de estudo a espécie que mais ocasiona acidentes é a *Bothrops moojeni* (Silva, 2017; Queirós, 2020; Rodrigues *et al.*, 2023).

Em relação às serpentes que identificam como “corais”, as quais relatam aparecem de várias cores, se refere a uma característica evolutiva de espécies que fazem mimetização, ou seja, imitam o padrão de um modelo que pode trazer vantagens relacionadas à defesa, reprodução ou predação (Nascimento, 2010; Almeida, 2012). Espécies do gênero *Oxyrhopus*, que ocorrem nessa região, são exemplos de serpentes que mimetizam o gênero *Micrurus* (Melgarejo *et al.*, 2016; Silva, 2017).

As falas a seguir relatam também sobre uma quantidade de serpentes que por vezes aparecem nos quintais ou nas áreas próximas:

*“Perigoso demais aqui. Quando eu cheguei pra aqui isso aqui era meio deserto brabo, isso aqui era um cobrismo danado [...]” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] e tem a malha de cascavel também que aqui tem bastante malha, então, assim, eu acho que de tempo que eu tô aqui nós já vimos mais ou menos umas 5 a 6 malha de vários tamanhos” CRS/Fazenda Rocha.*

*“Eu morei 4 anos ali numa barraquinha [...] olha moça aparecia duas a três cobras durante a noite. Durante o dia a gente nem contava. [...] E aí minha irmã, deu uma tempestade de cobra, todo tipo de cobra. Aí tinha a coral, essa listrada de preto com amarelo, e era os filhotes assim sabe? E aquelas outras, seu Zé, como é que [...]?” LG/Chácara Leal II.*

*“[...] É tem uma malhinha rabo de osso. [...] A questão era essa, que nesse tempo, que nós morava no barraquinho de palha, foi um ano chuvoso igual esse mês de novembro passado. [...] E elas, com o molhado [...] subia pras palha, enxuto né” JMCS /Chácara Leal II.*

O morador da Chácara Leal II relata um mês de novembro chuvoso, o que coincide com a época de reprodução de algumas espécies, como por exemplo, as do gênero *Bothrops* (Queirós, 2020), *Micrurus* (Marques *et al.*, 2013), *Crotalus* (Salomão *et al.*, 1995; Almeida *et al.*, 2004) e *Oxyrhopus* (falsas-corais) (Mendonça *et al.*, 2023). O aumento da precipitação pluviométrica nessa época (início do período chuvoso), conseqüentemente disponibiliza maior número de presas, e a explosão de anfíbios para esses meses mais chuvosos é observada no período de nascimento dos filhotes (Martins & Oliveira, 1995; Silva, 2017). Outro fato é que devido a um período muito chuvoso, algumas serpentes se deslocam para lugares mais secos, inclusive dentro das casas. Por esta razão, o contato com os seres humanos pode ocorrer com maior frequência (Martins & Oliveira, 1995; Alcântara *et al.*, 2018; Rodrigues *et al.*, 2020).

A serpente a qual eles designam como “malhadinha rabo de osso” também se refere a espécies do gênero *Bothrops* que, quando filhotes, têm a ponta da cauda com uma coloração distinta do restante do corpo, parecendo uma larva de inseto. Essa é uma estratégia de alimentação da espécie quando jovem para atrair suas presas, chamada de engodo caudal, sendo que movimentam a cauda sinuosamente enquanto caçam à espreita. Quando adultas perdem essa coloração da cauda e passam a ter novos hábitos alimentares, pois sofrem modificação ontogenética, e apresentam novas estratégias de caça (Sazima, 1992; Hartmann *et al.*, 2003; Gonzalez *et al.*, 2020; Munhoz *et al.*, 2022).

## Saber sobre os hábitos e alimentação

Os sujeitos também demonstraram conhecer os hábitos e preferência de alimentos desses animais, o que pode ser observado nos relatos a seguir:

*“[...] é mais no limpo, essa jararaquinha ela gosta desse período assim de sol assim óhh (o período da entrevista era final de tarde), ela gosta de ficar assim, às vezes ela passa bem aí óh, quando dá fé, às vezes vem e fica bem pertinho da gente, é da cor do chão né [...] ela enrola em qualquer um lugarzinho” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“É [...] bichinho pra comer, ela pega tudo, é jia, é sapo é tudo” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

*“E geralmente elas têm um ato de aparecer na parte da manhã ou no final da tarde, que é o período mais frio que elas estão se deslocando” IRS/Fazenda Rocha.*

*“Ahhh a malha geralmente ela se alimenta de insetos né, pequenos insetos, grilo, rato, rã” IRS/Fazenda Rocha.*

*“A cascavel e a malha, dessa época elas são danadas pra andar (mês de fevereiro/22), porque até então a cascavel come a bucha do capim né, quando tá saindo [...]. Principalmente de pastar assim, ela gosta. Quando ela tá com fome ela come a bucha do capim, aquela bucha que vai saindo molinha [...]. Outra coisa, roça de arroz, ela come o arroz verde. Então quando está soltando o cacho que tá tirando aquele leitinho do arroz ela se alimenta dele” DLS/Chácara Bela Vista.*

*“Mês de maio é a semente do capim! Na semente do capim é perigoso demais menino. Assim, na base de oito a nove hora é a hora delas caça coisa né, alimentar né, cascavel mesmo é uma, a hora própria é 6 horas e 9 horas” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

Os moradores trazem informações sobre horários de maiores possibilidades de encontrar os animais se deslocando e sobre a dieta, o que varia entre anfíbios, roedores e insetos, concordando com a literatura (Bernade, 2017; Carbajal-Márquez *et al.*, 2022). Um fato intrigante que trouxeram foi que a cascavel se alimenta da semente do capim e do arroz verde, comportamento até então desconhecido para a espécie pois a literatura traz informações que são animais exclusivamente carnívoros, alimentando-se de presas endodérmicas (Hoyos & Almeida-Santos, 2016). Então, a maior possibilidade é que essas serpentes, provavelmente, estão predando pequenos animais que utilizam esse habitat e que fazem parte da sua dieta.

Na fala a seguir é possível perceber a compreensão da moradora sobre como ocorre o processo de predação/alimentação dos animais e, nas palavras dela, mais especificamente um entendimento a respeito de cadeia alimentar:

*“É [...] um comendo o outro [...]. Todo bichinho que você vê, um já é mais do que o outro, um já engole o outro” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

Nesse relato pode-se observar a estreita relação que a moradora tem com o ambiente ao seu redor, revelando o seu conhecimento adquirido a partir das suas observações cotidianas em relação à fauna local (Diegues, 1996; Posey, 1992; Toledo & Barrera-Bassols, 2009; Vasconcelos-Neto et al., 2018).

### **Saber sobre o habitat, esconderijos e épocas que mais aparecem**

Importante dizer que as propriedades estão localizadas em pontos distintos do município, podendo apresentar variações de topografia, litologia, diferentes fitofisionomias do Cerrado e diferentes usos do solo como lavoura, pastagem e outros. Isso fica evidente nas falas a seguir, principalmente quando se referem às serpentes “cascavel e malha”:

*“[...] o povo diz que elas [cascavéis] habita mais é de lugar de serra né, lugar de morro, lugar que tem pedra, debaixo de uma pedra de uma coisa [...]. A jararaca ela é daqui mais de baixo” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] onde tem aqueles pedreiro veio, aqueles lajeiro veio assim que a gente tá catando pequi, você pode ficar esperto nesses pé de pequi que tem essas pedra canga esses pedreiro veio, que esse lugar de cascalho, toda cascavel que eu já vi aqui, nunca vi um lugar baixo, só nesses alto veio assim” EMC/Chácara Boas Novas.*

*“[...] tem a malha de cascavel também que aqui tem bastante malha. Então, são essas cobras que mais aparece, tem a cascavel devido a uma região pedrosa né, cheia de pedra aqui tem cascavel também” IRS/Fazenda Rocha.*

*“Ela [jararaca] gosta do buriti. Ela entra debaixo da capemba<sup>1</sup> do buriti e fica. Aí às vezes você vai despercebido, às vezes se passa debaixo da capemba e ela tá enrolada lá dentro” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“Mês de maio é a semente do capim! Na semente do capim é perigoso demais menino Assim, na base de oito a nove hora é a hora delas caça coisa né, alimentar né, cascavel mesmo é uma, a hora própria é 6 horas e 9 horas” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“Final das chuvas, quando o capim tá pendoando é a época que elas [cascavel e malha] mais andam” DLS/Chácara Bela Vista.*

---

<sup>1</sup> Parte mais larga do talo que fixa a folha ao caule do buriti (Sampaio, 2011).

Os moradores trazem a informação do tipo de habitat de duas importantes serpentes peçonhentas, a “malha”, que também chamam de jararaca e a cascavel, corroborando com a literatura que confirma que as jararacas geralmente são encontradas em locais mais baixos de mata (Borges & Araújo, 1998; Nogueira *et al.*, 2003; Queirós, 2020) e as cascavéis em locais mais altos e pedregosos, ou seja, ambientes secos, com vegetação mais aberta e com grande incidência de raios solares (Campbell & Lamar, 2004).

O relato do participante da Chácara Bela Vista está de acordo com a literatura em relação a uma maior movimentação de espécies de serpentes no mês de maio, coincidindo com o período de nascimento de filhotes que inicia-se por volta do mês de março e estende-se até o mês de maio para várias espécies (Almeida-Santos & Orsi, 2002; Bernade, 2014; Queirós, 2020).

### **Saber se o animal é peçonhento ou não peçonhento**

Para saber se o animal é ou não peçonhento os moradores trouxeram informações que condizem com a literatura sobre a fosseta loreal, presente em serpentes peçonhentas. Isso pode ser observado nas falas a seguir:

*“[...] Eu olho é pela cabeça. Meu pai falou assim, óh, se você vê quatro venta é venenosa. Se é só duas não é venenosa não. [...] os dois narizes e tem mais duas aberturas assim mais por cima parecendo um nariz também. Aí chama de quatro venta. Toda cobra se você vê duas ventinha e duas imitando uma ventinha no mesmo local mas por cima um pouquinho ali igualzinho é a venenosa”*  
CRS/Fazenda Pedrinha.

*“[...] aí então quando eu vejo que eu penso que já é uma achatadeira eu já olho na cara delas se tem a fosseta nasal [...] aquele negócio que elas têm abaixo do olho, parecendo outro olho sem ser”*  
EMC/Chácara Boas Novas.

Essa conduta de conseguir observar se o animal apresenta ou não fosseta loreal é importante no momento de decisão de matar ou não, pois relataram que se identificam o animal como não peçonhento o deixam ir embora, colaborando dessa forma com a manutenção das espécies não peçonhentas (Campbell & Lamar, 2004; Fita *et al.*, 2010).

Um morador, ao se referir ao seu modo de identificação de uma serpente não peçonhenta trouxe a informação da característica da cabeça do animal, como pode ser observado na fala a seguir:

*“Essas que tem a cabeça redonda não tem veneno” CRS/Faz Pedrinha.*

Cosendey e Salomão (2016) trazem a informação que essas características em relação à forma do corpo do animal não estão relacionadas com a presença ou ausência de veneno e sim a fatores morfológicos e/ou comportamentais.

Outro morador trouxe a informação do chocalho que as serpentes cascavéis têm na extremidade da cauda:

*“E tem a brabona que chama cascavel né, a que tem o chocalho” MPG/Faz. Brejo Verde.*

Essa característica marcante da espécie *Crotalus durissus* se refere ao calo ósseo presente no final da cauda do animal que aglomera anéis queratinizados ocos a cada troca de pele. Esses anéis são articulados entre si e formam um guizo que produz som de chocalho quando a serpente se sente ameaçada, o que também denuncia a sua presença (Alves, 2009; Brandão *et al.*, 2019).

Os demais moradores entrevistados não se referiram a uma característica específica de identificação de serpentes peçonhentas ou não peçonhentas.

## **Atitudes quando encontra o animal**

Ao serem abordados sobre quais atitudes tomar quando se deparam com uma serpente foram obtidos os seguintes relatos:

*“[...] é deixar a bichinha ir embora pra lá, mas tem delas que já ficam já no jeito de atingir o vivente né” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] vai, vai embora. Quando é uma brava aí não, a gente tem que tirar” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] mas na roça não tem jeito, porque ela pode ofender um bicho ou até outra pessoa que passar” DLS/Chácara Bela Vista.*

*“[...] eu olho pra cobra, se ela for venenosa eu costumo matar também, porque se não fizer mal a mim, pode fazer mal a outra coisa né, um animal meu, vir aqui pra casa. Sempre aqui por perto, eu sempre faço isso, eu mato” CRS/Fazenda Pedrinha.*

De maneira geral, o conhecimento que os indivíduos têm a respeito das serpentes está relacionado a aspectos negativos. A falta de informações mais precisas sobre esses répteis, associada ao medo, favorece o extermínio de serpentes peçonhentas e não peçonhentas, causando assim a redução das espécies, visto que

são consideradas em sua totalidade como perigosos (Cosendey & Salomão, 2016; Pandey *et al.*, 2016; Batista & Volpi, 2020; Moreira *et al.*, 2022).

Diante das respostas dos moradores sobre as atitudes tomadas ao se depararem com uma serpente peçonhenta é perceptível nas suas falas que não apresentam um medo exacerbado ou mesmo repugnância. Eles dizem que matam a serpente porque podem causar mal (acidente) às pessoas ou aos animais de criação. Ressalta-se aqui a importância de saber realizar um manejo adequado desses animais, com a devida segurança e treinamento correto, retornando-os à natureza sem a necessidade de exterminá-los (Freitas *et al.*, 2020; Batista & Volpi, 2020).

### **Experiências na prevenção de acidentes com esses animais**

Importante frisar que os moradores relataram não terem sofrido nenhum tipo de agravo com as serpentes ao longo de suas vidas no trabalho em campo. Isso se deve ao fato de que todos disseram que não saem a serviço sem estarem em uso de botas, calças e outros acessórios, o que fica evidente nas falas a seguir:

*“Eu quando ando, eu ando com a calça bem grossa, bem frouxa, de botina de meia, às vezes eu uso a caneleira né” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] é porque têm os EPIS<sup>2</sup>, tem a bota de segurança tem a perneira, tem as luvas também, o pessoal que trabalha” IRS/Fazenda Rocha.*

*“[...] é a bota, bota de borracha, calça, blusa de manga comprida [...] Aí é andar preparado pra ir para esses lugar assim” CRS/Fazenda Pedrinha.*

Em relação à prevenção foi observado nas falas dos moradores, a maioria do sexo masculino, que sempre fazem uso de calça grossa para o trabalho e alguns equipamentos de segurança como bota e perneira na realização das atividades de campo, o que condiz com o indicado pelos órgãos de saúde e na literatura (Feitosa *et al.*, 1997, Marques *et al.*, 2004; Bernade, 2014; Silva, 2017; Silva *et al.*, 2019; Queirós, 2020 e Rodrigues *et al.*, 2023). Os moradores relataram que as serpentes aparecem com bastante frequência em suas respectivas propriedades, porém afirmam que dificilmente ocorrem agravos com pessoas porque sempre estão atentos nos possíveis locais que as serpentes podem estar escondidas ou mesmo por ser morada delas, porém disseram ocorrer muitos acidentes com os animais de criação, principalmente com o gado. Isso pode ser verificado nas falas a seguir:

---

<sup>2</sup> Equipamentos de proteção individual.

*“É [...] acidente só em bicho né, em animal sempre elas gostam de picar. Esse ano mesmo um gado nosso foi picado por ela, [...] por a cobra né [...]” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

*“E aí eu tinha um gado aí, e essa mulher ia panhar água lá em cima da fonte, lá é de lajedo. Eu tinha umas “remanga<sup>3</sup>” de boi, e aí deu pra matar gado” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] aqui na região não. Só de animais que já foram mortos. O vizinho aqui mesmo no ano passado ele perdeu dois bois e duas novilhas picadas por cobra. Ele perdeu dois bois em menos de um mês” IRS/Fazenda Rocha.*

Uma moradora também se manifestou a esse respeito:

*“[...] quando o pé de buriti tá começando cair, sabe o que é que faço? Eu boto uma bota de borracha, até eu tenho aí a minha bota” [...] EMC/Chácara Boas Novas.*

É perceptível que a maior parte das mulheres não se envolve muito nas atividades de campo e devido a códigos de vestimenta, fazem menos uso dessas peças, o que pode deixá-las mais expostas. Na fala da moradora fica claro que usa a bota, porém outros acessórios de proteção pertinentes como calça ou perneira não ficaram evidentes.

## **Conhecimento de plantas medicinais utilizadas em caso de acidente, quantidade de uso e preparo**

Ao serem perguntados sobre algum remédio caseiro que sabem preparar para agravos com serpentes, a maioria fez a indicação do óleo de buriti. Relataram que fazem a ingestão e que sempre têm guardado um pouco de óleo para esse fim, o que pode ser confirmado nas seguintes falas:

*“[...] o povo toma o óleo do buriti. Porque diz que o óleo de buriti sai na cesura<sup>4</sup> dela né. Uma colher. Pega uma colher e toma. É assim, acho que pode tomar 2x ao dia, não é? Duas ou três porque aquilo ali não mata ninguém não” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

---

<sup>3</sup> Esta estrutura serve para a acomodação dos animais, sendo usada principalmente para conectar locais de criação e manejo no curral.

<sup>4</sup> De acordo com dicionário da língua portuguesa significa cicatriz proveniente de uma incisão ou mordedura.

*“De remédio é só óleo de buriti [...] aquele outro, a rapa do imburuçu. Imburuçu é um pau que dá embira né [...]. O buriti toma, que aí ele já sai na cesura” RPS/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] você corta ele [imburuçu], ele dá um pauzinho, aí você pega ele tira e descasca ele né, dobra ele e ranca a casca e sai a imbira né, mas você corta ele inteiro lá do pé [...] sai aquela baba e você passa” RPS/Faz Brejo Verde.*

*“Tomar o óleo de buriti vai sair lá na cesura embaixo” LG/Chácara Leal II.*

*“O pessoal fala muito no óleo de buriti né, disse que é muito bom. É o único remédio que eu vejo falar” IRS/Fazenda Rocha.*

*“Do mato eu ouvi falar que o óleo do buriti né, disse que é muito bom. O óleo do buriti você pode tomar ele no café né, no chá, alguma coisa, uma meia colher né. Diz que combate o veneno” DLS/Chácara Bela Vista.*

*“Pra beber [o buriti], e se você souber onde foi [a picada] você pode passar em cima” EMC/Chácara Boas Novas.*

Um morador trouxe a informação do uso de uma outra planta para tratar acidentados por serpentes, chamada de “imburuçu”. Relata utilizar a “baba” da entrecasca para passar no local da picada.

Sobre o buriti indicaram a ingestão de meia a uma colher do óleo 2 vezes ao dia e o uso tópico no local da picada o que corrobora com indicações relatadas em outros trabalhos (Sampaio, 2011; Martins *et al.*, 2012; Carrazza *et al.*, 2012; Ribeiro *et al.*, 2014; Amorim *et al.*, 2018; Carvalho & Santos, 2020).

## **Preparo do óleo de buriti**

A seguir, temos o relato de duas moradoras sobre o preparo do óleo do buriti, ressaltando que as informações sobre a forma de fazer todo o processo de extração do óleo partiram das mulheres, indicando que é uma tarefa exclusivamente delas:

*“[...] é, pra fazer o óleo dele, vai pegando ele e colocando na vasilha lá no sol, assim num balde, numa coisa, aí ele vai subindo aquele óleo né. Aí põem no fogo para acabar de apurar, porque ele tem um pouquinho de água né, pra durar tem que ser bem conservadinho né” MPG/Fazenda Brejo Verde.*

*“[...] Eu trago Buriti do brejo. Chega aqui em casa eu boto ele numa bacia, aí lavo, jogo, não tem essas peneiras de coar terra? Eu boto ele ali para escorrer aquela água e alguma sujeira que tiver né. Aí eu boto ele num balde tampadinho e deixo ali. Deixo ele de molho pra amolecer né. Aí quando eu vejo que ele tá mole, de um dia para o outro ele já amolece, botando hoje amanhã já tá mole. Aí o que é que eu faço, eu pego tiro daquela água que ele amoleceu, aí vou batendo*

*dentro do balde com a garrafa, eu bato, bato, bato com a garrafa e quando eu vejo que ele já soltou toda aquela poupa, que tá aquela aguona grossa, aí já vem eu com aquela peneira de novo, peneira de pedreiro né, aí eu já guardo a peneira só para aquilo ali. Aí eu boto uma bacia, aí coou, tiro toda aquela casca toda aquela... aqueles caroços, aí aquela caldona grossa é que eu vou levar para o fogo. Aí eu não tenho esse negócio de tirar, ele vai subindo uma espuma e vai tirando né...o povo fala que tira. Não. Eu deixo ele lá no fogo e ele vai fervendo eu joga água dentro, boto bastante água né. Se eu ver que tá grosso, se ficar grosso demais ele prega no tacho, aí você bota bastante água pra não ficar muito grosso né. Quando ele ferve assim de manhã quase até meio dia, lá fervendo, eu boto lá no barracão por causa do vento para não jogar cisco dentro né, quando é de tarde você bota a tampa, puxa o fogo, bota a tampa da panela por cima, pra evitar cair alguma sujeirinha à noite né. Aí você vai e tampa. Quando é de manhã que você vai tirar a tampa, o óleo já tá prontinho ali em cima. Ele sobe, ele sobe todinho. Aí você vê assim aquela coisa mais linda, eu acho bonito demais, aí você vem com a colher, com a concha, uma colher grande, aí vai panhando ali e botando numa outra vasilhinha, você vai panhando ali, aí fica aquela água limpinha, a poupa tá em baixo né, fica aquela água ali limpinha, você tira todo o óleo. Quando você tirou dali não tem jeito de você não tem pegado algum pouquinho de água né. Aí o que que você vai pegar, você vai pegar uma vasilha, de preferência uma vasilha esmaltada. Eu tenho até aqui uma panelinha esmaltada. Porque pra evitar de você raspar o alumínio. Porque uma panela de alumínio você passa a colher você vai tirar alguma coisa dali daquela panela né. Aí, uma panelinha esmaltada, de preferência. Aí você bota, aí bota para acabar de apurar no fogo, no fogo de gás mesmo né, no fogão, um pouquinho, aí você bota lá. Aí quando você ver você sabe o ponto dele aí ele fica chiando [...]. Aí você vê ele parar de chiar, aí você vai pegar uma colher assim que você tá mexendo mesmo, aí você puxa a panela e pinga um pinguinho ali em cima do ferrinho da chama né, se ele não chiar nada, você pingou ali ele pegou fogo é o ponto pra você tirar pra ele não queimar pra não ficar ardido veio preto” EMC/Chácara Boas Novas.*

Os moradores relataram a utilização do óleo de buriti como tratamento de forma tradicional para acidentes ofídicos, corroborando com o relato de diversas outras populações que utilizam plantas medicinais para tratar pessoas acometidas por serpentes (Carrazza *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2010; Barros *et al.*, 2015; Amorim *et al.*, 2018; Trevisan *et al.*, 2021). Em vista disso, vários estudos vêm demonstrando a eficiência de extratos de plantas como o buriti para tratamento complementar de envenenamentos provocados por serpentes, auxiliando na diminuição da atividade de toxinas (Fernandes, 2011; Rodrigues, 2020; Trevisan, *et al.*, 2022; Rodrigues *et al.*, 2023).

Em relação ao preparo, as duas moradoras têm o hábito de fazer esse processo de extração do óleo de buriti de formas diferentes. A primeira coloca os frutos descascados em um balde com água no sol e só depois de colher o óleo que está na superfície da água leva ao fogo. Enquanto a segunda moradora após descascar os

frutos e retirar a polpa já leva a massa para o fogo para apurar o óleo, o que vem de encontro com a forma de extração tradicional encontrada no trabalho de Carrazza *et al.* (2012).

### **Considerações finais**

O presente estudo permitiu analisar e compreender os saberes que os moradores que residem na zona rural do município de Porto Nacional e entorno têm a respeito das serpentes. A partir das entrevistas pôde-se obter informações importantes sobre espécies presentes na região, de acordo com as vivências cotidianas, costumes, saberes e crenças que pessoas do campo adquirem ao longo dos anos sobre o ambiente onde está inserido, aprendendo a manejar os recursos da fauna e da flora presentes ao seu redor.

Pôde-se observar que os moradores possuem amplo conhecimento a respeito de aspectos ecológicos e comportamentais desses animais em seu meio natural, como características de classificação em peçonhentas ou não peçonhentas, tipo de habitat, época que aparecem com maior frequência, preferências de alimentação, formas de prevenção de acidentes, atitudes tomadas na presença do animal, conhecimento de plantas medicinais que utilizam em caso de acidente e formas de uso. Todo esse conhecimento adquirido pela vivência no meio rural permite às pessoas do campo elaborarem estratégias de convivência com as serpentes. Estratégias essas que proporcionam uma maior proteção nas incursões a campo, reduzindo as possibilidades de agravos.

Outro fato importante a ser destacado são os relatos sobre a utilização do óleo de buriti, extraído da polpa do fruto da palmeira *Mauritia flexuosa* L. f., para auxiliar nos efeitos causados por envenenamentos por serpentes peçonhentas, o que chama a atenção para investigações científicas mais específicas com o óleo, focadas em avaliar a sua eficácia como recurso terapêutico para esse tipo de agravo além da validação e fortalecimento do conhecimento dessas populações.

Esses conhecimentos podem contribuir para futuras pesquisas a respeito da interação entre pessoas e serpentes, colaborando com a manutenção da herpetofauna local e equilíbrio do ambiente ao seu redor, pesquisas de investigação sobre o uso do buriti nos casos de agravos por serpentes peçonhentas, educação ambiental, estratégias de prevenção de acidentes e de conservação desses animais.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP, PPGCiamb/UFT), e edital Propesq/UFT n. 19/2023.

## Referências

- Abreu, R. C. R., Hoffmann, W. A., Vasconcelos, H. L., Pilon, N. A., Rossatto, D. R., & Durigan, G. (2017). The biodiversity cost of carbon sequestration in tropical savanna. *Science Advances*, 3(8), e1701284.
- Alcântara, J. A., Bernarde, P. S., Sachett, J., Silva, A. M., Valente, S. F., Peixoto, H. M., Lacerda, M., Oliveira, M. R., Saraiva, I., Sampaio, V. de S., & Monteiro, W. M. (2018). Stepping into a dangerous quagmire: Macroecological determinants of Bothrops envenomings, Brazilian Amazon. *PLoS One*, 13(12), e0208532.
- Almeida, P. C. R. (2012). *Morfologia e taxonomia de Atractus latifrons (Günther, 1868) (Serpentes: Dipsadidae) e seu relacionamento mimético com corais verdadeiras na Amazônia*. 2012. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Repositório Museu Emilio Goeldi.
- Almeida-Santos, S. M., Laporta-Ferreira, I. L., Antoniazzi, M. M., & Jared, C. (2004). Sperm storage in males of the snake *Crotalus durissus terrificus* (Crotalinae: Viperidae) In southeastern Brazil. *Comparative Biochemistry and Physiology. Part A, Molecular & Integrative Physiology*, 139(2), 169–174.
- Almeida-Santos, S. M. & Orsi, A. M. (2002). Ciclo reprodutivo de *Crotalus durissus* e *Bothrops jararaca* (Serpentes Viperidae): morfologia e função dos ovidutos. *Rev. Bras. Reprod. Anim.*, 26(2), 09-112.
- Alves, R. R. N. (2009). Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5(1), 1.
- Amorim, W. R. de, Sousa, C. P. de, Martins, G. N., Melo, E. S. de, Silva, I. C. R. da, Corrêa, P. G. do N., Santos, A. R. S. S., Carvalho, S. M. R. de, Pinheiro, R. E. E., & Oliveira, J. M. G. de. (2018). Estudo etnoveterinário de plantas medicinais utilizadas em animais da microrregião do Alto Médio Guruguéia – Piauí. *PubVet*, 12(10), 1–5.
- Balduino, A. R. (2019). *Análise dos impactos da agricultura na qualidade da água do reservatório de abastecimento de água no município de Porto Nacional-Tocantins*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Tocantins]. Repositório da Universidade Federal do Tocantins.
- Barros, E. M. L., Lira, S. R. de S., Lemos, S. I. A., Barros, T. L. e., & Rizo, M. D. S. (2015). Estudo do creme de buriti (*Mauritia flexuosa* L.) no processo de cicatrização. *ConScientiae Saúde*, 13(4), 503–610.
- Batista, T. R., & Volpi, A. (2020). Comparação de saberes etnoherpetológicos entre alunos de escola rural e urbana. *Revista Ifes Ciência*, 6(4), 201–214.
- Begossi, A. (1993). Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciência*, 18(3), 121-132.
- Bernarde, P. S. (2017). Classificação e biologia das Serpentes. In Bernarde, P. S., Turci, L. C. B., & Machado, R. A. (Eds.). *Serpentes do Alto Juruá, Acre-Amazônia Brasileira*. EDUFAC.
- Bernarde, P. S. (2014). *Serpentes peçonhentas e acidentes ofídicos no Brasil*. Anolis books.
- Bérnils, R. S. & Costa, H. C. (2010). Brazilian reptiles—List of species. *Sociedade Brasileira de Herpetologia*.
- Borges, R. C., & Araujo, A. F. B. (1998). Seleção de hábitat em duas espécies de jararaca (*Bothrops moojeni* Hoge e *B. neuwiedi* Wagler) (Serpentes, Viperidae). *Revista Brasileira de Biologia*, 58(4), 591–601.

- Brandão, M. F. T., Maciel, L. R., Neves, N. S. N., Carvalho, C. L., & Taques, R. M. (2019). Índice de acidentes ofídicos em Mato Grosso e principais aspectos clínicos dos casos nos anos de 2018 a 2019. In Freitas, G. B. L. *Trauma e Emergência*. Pasteur.
- Campbell, J. A., & Lamar, W. W. (2004). *The venomous reptiles of Latin America*. Comstock Editions.
- Carbajal-Márquez, R. A., Sigala-Rodríguez, J. J., Hidalgo-García, J. A., Ayala-Rodríguez, J. J., & Cedeño-Vázquez, J. R. (2022). Natural History and Morphology of *Crotalus ehecatl* (Serpentes: Viperidae). *Diversity*, 14(4), 242.
- Carrazza, L. R., Cruz, J. C., & Silva, M. L. (2012). *Manual tecnológico de aproveitamento integral do fruto e da folha do Babaçu* (2nd ed.). Instituto Sociedade, População e Natureza.
- Carvalho, R. S., & Santos, T. T. (2020). Propriedades químicas, medicinais e nutricionais do Buriti (*Mauritia flexuosa* L.) e de seus derivados. *DESAFIOS-Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, 7(3), 56-70.
- Cerrado, D. P. A. T. (2020). *Cerrado Deforestation Polygon Assessment Tool*.
- Cosendey, B. N., & Salomão, S. R. (2016). Visões sobre as serpentes: répteis ou monstros. *IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência*. Águas de Lindóia, 1-8.
- Costa, H. C., Guedes, T. B. & Bérnils, R. S. (2021). Lista de répteis do Brasil: padrões e tendências. *Herpetologia Brasileira*, 10(3), 110-279.
- Diegues, A. C. (2000). *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. NUPAUB-USP, PROBIO-MMA, CNPq.
- Diegues, A. C. (2001). *O mito moderno da natureza intocada*. Hucitec.
- Drews, C. (2002). Attitudes, knowledge and wild animals as pets in Costa Rica. *Anthrozoos*, 15(2), 119–138.
- Feitosa, R. F. G., Melo, I. M. L. A., & Monteiro, H. S. A. (1997). Epidemiologia dos acidentes por serpentes peçonhentas no Estado do Ceará - Brasil. *Revista Da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 30(4), 295–301.
- Fernandes, R. S. (2011). *Avaliação da atividade antiofídica do extrato de Serjania erecta Radlk in natura e in vitro: isolamento e caracterização estrutural de compostos bioativos*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo], Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo.
- Fita, D. S., Neto, E. C. M., & Schiavetti, A. (2010). 'Offensive' snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 6, 1-13.
- Freitas, D. C. de, Gomes, W. P. B. de S., Silva, R. C. C. da, & Seibert, C. S. (2020). Serpentes: é possível conviver com elas? *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, 13(3).
- Freitas, M. A. (2003). *Serpentes brasileiras*. Editora Lauro de Freitas.
- García-López, R., Villegas, A., Pacheco-Coronel, N., & Gómez-Álvarez, G. (2017). Traditional use and perception of snakes by the Nahuas from Cuetzalan del Progreso, Puebla, Mexico. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 13(1), 6.
- Gonzalez, R. C., Abegg, A. D., de Mello Mendes, D. M., da Silva, M. B., Machado-Filho, P. R., Mario-da-Rosa, C., ... & Oliveira, J. C. (2020). Lista dos Nomes Populares dos Répteis no Brasil—Primeira Versão. *Herpetologia Brasileira*, 9(2), 121-214.
- Hartmann, P. A., Hartmann, M. T., & Giasson, L. O. M. (2003). Uso do hábitat e alimentação em juvenis de *Bothrops jararaca* (Serpentes, Viperidae) na Mata Atlântica do sudeste do Brasil. *Phyllomedusa*, 2(1), 35-41.
- Hoyos, M. A., & Almeida-Santos, S. M. (2016). The South-American rattlesnake *Crotalus durissus*: feeding ecology in the central region of Brazil. *Biota Neotropica*, 16(3).

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023). *Prévia da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico de 2022 coletados até o dia 25/12/2022*. [https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2022/Previa\\_da\\_Populacao/POP2022\\_Municipios.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios.pdf)
- Lima, N. E. de, Carvalho, A. A., Lima-Ribeiro, M. S., & Manfrin, M. H. (2018). Caracterização e história biogeográfica dos ecossistemas secos neotropicais. *Rodriguésia*, 69(4), 2209–2222.
- Marques, O. A. V., Eterovic, A., & Sazima, I. (2004). Snakes of the Brazilian Atlantic Forest: an illustrated field guide for the Serra do Mar range. In *Snakes of the Brazilian Atlantic Forest: an illustrated field guide for the Serra do Mar range* (pp. 205-p).
- Marques, O. A. V., Pizzatto L., Santos S. M. A. (2013). Reproductive Strategies of New World Coral Snakes, Genus *Micrurus*. *Herpetologica*, 69(1), 58–66.
- Martins, M. & Oliveira, M. E. (1995). Biologia e Identificação de Serpentes. In Santos, M. C., Martins, M., Boechat, A. L., Sá-Neto, R. P., & Oliveira, M. E. *Serpentes de Interesse Médico da Amazônia*. UA/SESU.
- Martins, M. A. R. C. I. O., Marques, O. A., & Sazima, I. V. A. N. (2002). Ecological and phylogenetic correlates of feeding habits in Neotropical pitvipers of the genus *Bothrops*. *Biology of the Vipers*, 307, 328.
- Martins, R. C., Filgueiras, T. S., & de Albuquerque, U. P. (2012). Ethnobotany of *Mauritia flexuosa* (Arecaceae) in a Maroon Community in Central Brazil. *Economic Botany*, 66(1), 91–98.
- Melgarejo, A. R., Puerto, G., Buononato, M. A., & Silva Jr, N. J. (2016). Cobras corais de interesse médico no Brasil. In Silva, N. Jr. (Ed.) *As cobras-corais do Brasil: biologia, taxonomia, venenos e envenenamentos*. Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), Goiânia, 331-345.
- Mendonça, L. R. Dias, M. A. P., Lucas, D. D., Figueiredo, C. V. P., Matta, S. L. P. & Feio, R. N. Insights on the reproductive biology of *Oxyrhopus petolaris* (Linnaeus, 1758) (Dipsadidae: Pseudoboini) from Southeastern Brazil. *Cuadernos de Herpetologia*, 38(1). 10.31017/CdH. 2024. (2023-030).
- Moreira, M. P., Souza, D. F., & Angelo, E. A. (2020). Conhecimento etnobiológico de uma comunidade rural como fonte de informação para material informativo-educativo. *Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, 5(1).
- Munhoz J. L. D., Bianchini, M., & Nacib K. K. (2022). História Natural da Jararaca, *Bothrops jararaca*: uma revisão bibliográfica. *Ciências Biológicas*.
- Nascimento, E. A. do. (2010). *Estudos do mimetismo em Lycidae* (Insecta: Coleoptera) [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP.
- Nogueira, C., Sawaya, R. J., & Martins, M. (2003). Ecology of the pitviper, *Bothrops moojeni*, in the Brazilian Cerrado. *Journal of Herpetology*, 37(4), 653-659.
- Oliveira, F. L. G., Lunguinho Leite, R., & Freire Pinto, M. (2022). Conhecimentos e percepções dos estudantes do ensino médio sobre serpentes. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 21(2).
- Oliveira, S. S. (2009). *Porto Nacional: De Porto Real a Espaço Periférico de Palmas (TO)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás], Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
- Pandey, D. P., Pandey, S. G., Devkota, K., & Goode, M. (2016). Public perceptions of snakes and snakebite management: implications for conservation and human health in southern Nepal. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 12(1), 22.
- Parr, C. L., Lehmann, C. E. R., Bond, W. J., Hoffmann, W. A., & Andersen, A. N. (2014). Tropical grassy biomes: misunderstood, neglected, and under threat. *Trends in Ecology & Evolution*, 29(4), 205–213.

- Pellegrini, A. F. A., Socolar, J. B., Elsen, P. R., & Giam, X. (2016). Trade-offs between savanna woody plant diversity and carbon storage in the Brazilian Cerrado. *Global Change Biology*, 22(10), 3373–3382.
- Pinto, A. L. A., Sousa, F. J. F. de, & Moura Rufino, M. do S. (2019). Conhecimento etnobotânico dos Tremembé da Barra do Mundaú sobre as frutas da sociobiodiversidade. *Interações (Campo Grande)*, 20(1), 327–339.
- Portillo, J. T. M. (2012). *Composição, etnoecologia e etnotaxonomia de serpentes no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto]. Repositório Institucional da Universidade Federal de Ouro Preto.
- Posey, D. A. (1992). *Os povos tradicionais e a conservação de biodiversidade*. Editora Seman, Brasília.
- Queirós, D. C. (2020). *O Acidente botrópico no Tocantins: perfil epidemiológico dos acidentados, fatores ambientais facilitadores dos acidentes, toxicidade e neutralização do veneno*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Tocantins]. Repositório da Universidade Federal do Tocantins.
- Ribeiro, E. M. G. A., Baptistel, A. C., Neto, E. M. F. L., & Monteiro, J. M. (2014). Conhecimento etnobotânico sobre o buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) em comunidades rurais do município de Currais, Sul do Piauí, Brasil. *Gaia Scientia. Especial Populações Tradicionais*, 8(2).
- Rodrigues, P. S. de M., Cirqueira Martins, H., Falcão, M. S., Trevisan, M., Portaro, F. C. V., da Silva, L. G., Sano-Martins, I. S., Gonçalves, L. R. de C., & Seibert, C. S. (2023). Effects of *Mauritia flexuosa* L. f. buriti oil on symptoms induced by *Bothrops moojeni* snake envenomation. *Journal of Ethnopharmacology*, 313(116612), 116612.
- Rodrigues, S. C. F. (2020). *Estudo da propriedade antiofídica de *Jatropha Elliptica* (pohl.) mull arg.* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Tocantins]. Repositório da Universidade Federal do Tocantins.
- Sampaio, M. B. (2011). *Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do buriti*. Instituto Sociedade, População e Natureza.
- Salomão, M. G., Santons, S. M. A & Puerto, G. (1995). Activity Pattern of *Crotalus durissus* (Viperidae, Crotalinae): Feeding, Reproduction and Snakebite. *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, 30(2), 101-106.
- Santos, D. B., Pereira, E. N., Teles, M. J., & Santos, E. M. (2012). Os saberes populares como informação valiosa para conservação da herpetofauna: uma experiência na floresta nacional de negreiros, Serrita/PE. In: *64ª Reunião Anual da SBPC. Anais eletrônicos de Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, São Luís.
- Sazima, I. (1992). Natural history of the jararaca pitviper, *Bothrops jararaca*, In southeastern Brazil. *Biology of the Pitvipers*.
- Silva, D. B., Martins, R. C., & Agostini-Costa, T. S. (2010). *Buriti*. Série Frutas Nativas, Edição Comemorativa dos 40 anos da SBF. 21cm (Série Frutas Nativas, 3). Funep.
- Silva, R. C. C., Freitas, M. A, Sant'Anna, S. S., & Seibert, C. S. (2019). *Serpentes no Tocantins: guia ilustrado*. Ekos Editora.
- Silva, R. C. C. (2017). *O ambiente e a diversidade das serpentes no estado do Tocantins–Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Tocantins]. Repositório da Universidade Federal do Tocantins.
- Toledo, V. M. M., & Barrera-Bassols, N. (2009). A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 20.

- Trevisan, M., Seibert, C. S., & dos Santos, M. G. (2021). O emprego da medicina tradicional no SUS em uma cidade da Amazônia Legal. *DESAFIOS Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, 8(2), 93–109.
- Trevisan, M., Seibert, C. S., & Santos, M. G. (2022). Avaliação da atividade repelente do extrato etanólico da erva tipi frente a serpentes *Bothrops moojeni*. *Brazilian Journal of Biology*, v. 84, p. e258041, 2024.
- Uetz, P. (2000). The reptile database: How Many Species? *Herpetological Review* 31(1), 13-15.
- Uetz, P. (2020). *The Reptile Database*.
- Vasconcelos Neto, L. B., Chalkidis, H. D. M., Brito, I. A. D. S., & Garcia da Silva, A. S. (2018). O conhecimento tradicional sobre as serpentes em uma comunidade ribeirinha no centro-leste da amazônia. *Ethnoscintia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, 3.

**ABSTRACT:**

Snakes instill fear and disgust in many people due to factors such as beliefs, myths, and legends, primarily because venomous snakebites trigger severe symptoms. These negative perceptions towards snakes contribute to the extermination of these animals. This study aimed to answer whether the rural population's knowledge about snakes influences the prevention of snakebites. We used a qualitative approach, employing semi-structured interviews based on a predefined script. The interviews were recorded, transcribed, and analyzed. We interviewed residents of the rural area of Porto Nacional municipality (Tocantins state). The analysis enabled us to comprehend the residents' knowledge about snakes and how this knowledge contributes to reducing snakebite incidents.

**KEYWORDS:** Ethnoherpetology; Snakes; Knowledge; Countryside; Tocantins.

**RESUMEN:**

Las serpientes provocan miedo y aversión en muchas personas debido a factores como creencias, mitos y leyendas, sobre todo porque los accidentes con serpientes venenosas desencadenan síntomas graves. Estas percepciones negativas de las serpientes contribuyen a su exterminio. El objetivo de este estudio fue determinar si el conocimiento de la población rural sobre las serpientes influye en la prevención de accidentes por mordedura de serpiente. Se utilizó un enfoque cualitativo, con entrevistas semiestructuradas basadas en un guion predefinido. Las entrevistas fueron grabadas, transcritas y analizadas. Entrevistamos a residentes de la zona rural del municipio de Porto Nacional (estado de Tocantins). El análisis nos permitió comprender el conocimiento de los residentes sobre las serpientes y cómo este conocimiento contribuye a reducir los accidentes por mordedura de serpiente.

**PALABRAS CLAVE:** Etnoherpetología; Serpientes; Conocimiento; Zona rural; Tocantins.